

SERMÃO 46

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Os dois sermões a que ora chegamos completam a doutrina de Wesley sobre a vida íntima. As doutrinas especiais da segurança e da santidade interior e do perfeito amor tendiam a fazer voltar o pensamento de seus ouvintes para si mesmos, levando-os rumo ao misticismo. Embora houvesse importantes verdades a serem aprendidas nesse caminho, também havia erros sérios a serem evitados. Um pouco antes da publicação deste sermão, o místico inglês, Law, havia divulgado um opúsculo em que os fatos positivos do cristianismo parecia serem completamente obscurecidos, senão substituídos por concepções subjetivas ou estados mentais. Uma de suas doutrinas era esta: é melhor e mais proveitoso à alma perder seu sentimento do amor de Deus do que conservá-lo. A esse tratado Wesley replica extensamente em uma carta ao autor, e sua correspondência particular mostra que tais sentimentos tinham-se largamente espalhado, custando-lhe grande trabalho prevenir seus seguidores contra eles. Foi especialmente a tendência antinomiana de tal doutrina que Wesley combateu. Em sua réplica a Law diz Wesley, referindo-se àquela doutrina: “Ela tende a fazer os crentes fáceis, embora estejam descambando para a descrença”; “a embarçar, senão destruir, a obra de Deus no coração”, “levando os homens a se Imaginarem consideravelmente adiantados em graça, quando ofenderam – e mesmo extinguiram – o Espírito”. A um de seus missivistas diz ele: “Tu olhas demasiadamente para dentro e para fora muitíssimo pouco”. “A legalidade, para a maior parte dos que usam este termo, realmente significa imaturidade de consciência”. “Penso ser altamente aconselhável aos metodistas que a deixem tranqüilamente de parte”.

O presente sermão tem em vista auxiliar aos que estão em perigo de descansar no falso conforto de suas lutas interiores. Isto faz o pregador, levando-os a renovar a fé penitente, somente pela qual pode sua paz perdida ser restaurada.

(Burwash)

ESBOÇO DO SERMÃO 46

Israel no deserto podia ser tomado como tipo de certos cristãos que se acham em estado de enfermidade espiritual.

I. A natureza dessa enfermidade. É a perda: (1) da fé, (2) do amor, (3) da alegria, (4) da paz, (5) do poder.

II. Suas causas.

1. O pecado. Algumas vezes arrogantes pecados de comissão, trazendo trevas repentinas. Mais freqüentemente pecados de omissão, extinguindo gradualmente a luz; tais como a negligência na oração, a negligência no reprovar o pecado.

Pecado interior, como orgulho, ira e cobiça. Negligência no esforço e no ardor da vida espiritual.

2. Ignorância. Da Palavra de Deus; Da obra de Deus na alma, tal como acontece com os místicos do romanismo.

3. Tentação; inesperada por parte do jovem cristão, especialmente, se pensa de nós mesmos demasiadamente alto.

III. A cura dessa obscuridade.

A cura variará segundo a causa.

Se esta for o pecado, devemos perseguir e expulsar o pecado, examinando a consciência sobre os pecados de comissão, inquirindo se não há negligência de deveres, pesquisando as inclinações pecaminosas e sendo vigilantes quanto à indolência espiritual.

Se for ignorância, devemos entender a verdadeira significação das passagens da Palavra de Deus lidas erroneamente, tais como Is 50.10, Os 3.14, Jo 16.22, 1Pe 4.12. Devemos também evitar a noção errônea de que aquela obscuridade seja necessária ou proveitosa.

Se for tentação, devemos esperar por ela, considerar a imperfeição de nosso estado religioso e melhor atentar para as promessas.

SERMÃO 46

A VIDA NO DESERTO

“Vós outros sem dúvida estais agora tristes, mas eu hei de ver-vos de novo, e o vosso coração ficará cheio de gozo; e o vosso gozo ninguém vo-lo tirará”.

(João 16.22)

1. DEPOIS de haver o Senhor operado a grande libertação de Israel, tirando-o da casa de servidão, os israelitas não entraram imediatamente na terra que tinha sido prometida a seus pais; mas “peregrinaram no deserto” foram tentados e provados de várias formas. Do mesmo modo, depois de Deus haver libertado os que o temiam, tirando-os do cativeiro do pecado e de Satanás, após terem sido “justificados livremente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus”, ainda não foram muitos os que dentre eles imediatamente entraram no “repouso que resta ao povo de Deus”. A maior parte pôs-se a vagar, mais ou menos, fora do bom caminho a que Deus os induzira. Chegaram, por assim dizer, a um “vasto e tremendo deserto”, onde foram tentados e afligidos de várias formas: e a isto alguns, em alusão ao caso dos israelitas, chamam “a vida no deserto”.

2. Certo é que a condição em que os tais se encontram faz jus à mais terna compaixão. Eles mourejam sob doença dolorosa e mal embora de espécie que não é comumente entendida; e por esta mesma razão mais difícil lhes é encontrar remédio. Estando em trevas, não se pode supor que eles compreendam a natureza de sua própria desordem; e poucos dentre seus irmãos, e mesmo, talvez de seus mestres, sabem qual seja sua enfermidade, ou conhecem o modo de curá-la. Muitíssimo necessário se torna, portanto, inquirir, primeiro: Qual é a natureza dessa doença? Em segundo lugar: Qual a sua causa? E, em terceiro lugar: Qual o seu processo de cura?

I

1. Primeiro: Qual é a natureza dessa doença em que tantos recaem, após terem crido? Em que propriamente consiste ela e quais são os seus legítimos sintomas? Ela propriamente consiste na perda daquela fé que Deus uma vez operou em seu coração. Os que estão *no deserto* não têm agora a divina “evidência”, a satisfatória convicção “das coisas não vistas”, de que uma vez gozaram. Não têm agora, a demonstração interior do Espírito que antes habilitara cada um deles a dizer: “A vida que eu vivo, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e entregou-se a si mesmo por mim”. Agora a luz do céu não “brilha em seus corações” nem eles “vêem Aquele que é invisível”; mas as trevas descem outra vez sobre a face de suas almas e cegam-lhes os olhos do entendimento. O Espírito não mais “testifica com seu espírito, que eles são filhos de Deus”; nem Ele continua como Espírito de adoção, “clamando” em seus corações: “Abba, Pai”. Não têm agora uma segura confiança em seu amor e liberdade de acesso a Deus, com santa ousadia. “Embora Ele me destrua, ainda confiarei nele” – esta já não é a linguagem de seu coração; mas estão despojados de sua força e tornaram-se fracos e insensatos como os demais homens.

2. Dai procede, em segundo lugar, a perda do amor, que não pode deixar de erguer-se ou cair, ao mesmo tempo, e na mesma proporção, com a verdadeira e viva fé. Conseqüentemente, os que são privados de sua fé, são também privados do amor de Deus. Não podem agora dizer: “Senhor, tu conheces todas as coisas, tu sabes que eu te amo”. Não são agora felizes em Deus, como o é todo aquele que verdadeiramente o ama. Não se alegram nele como no passado, no “sentir o cheiro de seus unguentos”. Em certo tempo, todo seu “desejo era para Ele, e para a lembrança de seu nome”; mas agora seus desejos são frios e inertes, se não se acham extintos por completo. E como seu amor de Deus se esfriou, assim também aconteceu com seu amor ao próximo. Agora não têm aquele zelo pelas almas dos homens que esperam pelo seu auxílio; aquele fervente incansável, ativo desejo de sua reconciliação com Deus. Não sentem aquele “coração de misericórdia” pelas ovelhas perdidas – aquela terna compaixão pelos ignorantes e o pelos que estão “desviados do caminho”. Outrora eles foram “bondosos para com todos os homens”, mansamente instruindo aos que se opõem verdade; e, “se alguém era surpreendido em falta”, restauravam “o tal num espírito de mansidão”: mas, depois de uma pausa, talvez de muitos dias, a ira começou a recuperar seu poder; sim, a impertinência e a impaciência inocularam neles a enfermidade para que caíssem; e ainda é bom se algumas vezes não são levados a “retribuir o mal com o mal, a injúria com a injúria”.

3. Em conseqüência da perda da fé e do amor, segue-se, em terceiro lugar, a perda da alegria no Espírito Santo. Porque, se a consciência amável do perdão não mais existir, a alegria dela resultante não poderá prevalecer. Se o Espírito não testifica com nosso espírito que somos filhos de Deus, a alegria que decorre do testemunho interior toca também ao fim. E, do mesmo modo, aqueles que uma vez se “regozijaram com indizível gozo” “na esperança da glória de Deus”, agora são privados daquela “esperança cheia de imortalidade”, são privados não só da alegria que ela determina, como também da que resultava da consciência do “amor de Deus”, então “derramado em seus corações”. Porque, sendo removida a causa, remove-se o efeito; estancando-se a fonte, as águas vivas não mais correm para refrigerar a alma sedenta.

4. A perda da fé, do amor, da alegria, também se acrescenta, em quarto lugar, a perda daquela “paz que” uma vez “excedera a toda compreensão”. Aquela doce tranqüilidade de espírito, aquele descanso de espírito, se foi. As dúvidas torturantes regressam; dúvida sobre se jamais tivemos ou jamais teremos crença. Começamos duvidar de que jamais encontramos em nossos corações o real testemunho do Espírito; se antes não enganamos as nossas próprias almas, tomando a voz da natureza pela voz de Deus; e até sobre se ainda ouviremos talvez sua voz e acharemos graça à sua vista. E aquelas dúvidas se em outra vez ao temor servil, àquele temor que atormenta. Tememos a ira de Deus exatamente como a temíamos antes de crer. Tememos ser excluído de sua presença e daí recaímos de novo no temor da morte, de que tínhamos sido antes totalmente libertados.

5. Mas isto ainda não é tudo, porque a perda da paz é acompanhada da perda do poder. Sabemos que todo aquele que tem paz com Deus, através de Jesus Cristo, tem poder sobre todo o pecado. Mas o que perde a paz de Deus perde também o poder sobre o pecado. Onde permanece aquela paz, também permanece no homem o poder, mesmo sobre o pecado habitual, quer se trate de pecado de sua natureza, de sua constituição, de sua educação, ou de sua profissão; sim, e sobre as disposições más e desejos que, até então, ele não podia reprimir. O pecado já não

tinha sobre ele nenhum domínio; mas agora o crente não mais tem domínio sobre o pecado. Pode combater, na verdade, mas não pode prevalecer; tombou a coroa de sua cabeça. Seus inimigos outra vez contra ele prevalecem e reduzem-no mais ou menos à escravidão. A glória se despediu dele, assim como o reino de Deus que estava em seu coração. Está despojado da justiça, assim como da paz e da alegria no Espírito Santo.

II

1. Tal é a natureza daquilo a que muitos têm chamado, e não impropriamente – “a vida no deserto”. Essa natureza, entretanto, mais plenamente se pode compreender, perguntando-se, em segundo lugar: Quais são as suas causas? Estas são, em realidade, muitas. Mas não cuido de alinhar entre elas a mera, arbitrária, soberana vontade de Deus. Ele “regozija-se na prosperidade de seus servos: Ele não se deleita em afligir ou entristecer os filhos dos homens”. Sua vontade invariável é nossa santificação, acompanhada de “paz e alegria no Espírito Santo”. Estes são seus livres dons, e estamos certos de que “os dons de Deus são”, de sua parte, concedidos “sem arrependimento”. Ele nunca se arrepende daquilo que concede; nunca deseja retirar-nos os seus dons. Portanto, Ele jamais nos *abandona*, como dizem alguns: somos nós que o *abandonamos*.

(I) 2. A causa mais comum de obscuridade interior é o pecado, de uma ou de outra espécie. É ele que geralmente ocasiona o que com frequência constitui mistura de pecado e miséria. E, primeiro, pecado de comissão. Frequentemente se pode observar que esse pecado obscurece a alma num momento, principalmente, se se tratar de pecado conhecido, voluntário e ostensivo. Se, por exemplo, uma pessoa que esteja agora andando à clara da luz da face de Deus, pudesse, de algum modo, chegar a cometer um ato único de bebedice, ou impureza, não haveria de que se maravilhar, se naquela mesma hora recaísse nas trevas mais profundas. É verdade que tem havido alguns casos muito raros em que Deus preveniu isso, por um extraordinário exercício de sua graça perdoadora, quase no mesmo instante. Mas, em geral, tal abuso da bondade de Deus, tão grave insulto a seu amor, determina um imediato alheamento de Deus e uma “escuridão que se pode apalpar”.

3. Não se pode, porém, esperar que esse caso seja muito freqüente; que sejam muitos os que assim desprezam as riquezas de sua bondade, de modo que, mesmo seguindo na sua luz, tão grosseira e arrogantemente contra Ele se rebelam. Aquela luz muito mais freqüentemente se extingue por dar o homem lugar aos pecados de omissão. Isto, em verdade, não extingue imediatamente o Espírito, mas extingue-o de modo gradual e vagaroso. O primeiro caso pode ser comparado ao lançar-se água sobre o fogo; o último, ao retirar-se ao lume o seu alimento. E muitas vezes deseja aquele amável Espírito reprovar nossa negligência, antes que se separe de nós. Muitos são os toques interiores, os avisos secretos que Ele nos dá, antes que suas influências se retirem. De sorte que somente uma série de omissões conduzidas com voluntária persistência, pode mergulhar-nos em trevas profundas.

4. Talvez nenhum pecado de omissão haja que mais comumente ocasione esse resultado do que a negligência da oração particular; a falta desta não pode ser suprida por nenhuma outra ordenança, qualquer que seja ela. Nada pode ser mais compreensível do que o não continuar a vida de *Deus* na alma, e menos ainda aumentar-se essa vida, a não ser que nos utilizemos de todas as oportunidades de comunhão com Deus, derramando nossos corações diante dele. Se, pois, negligenciarmos esse dever, se permitirmos que negócios, companheiros, ou quaisquer outras distrações estorvem esse exercício secreto da alma (ou, o que vem a ser a mesma coisa, levem-nos a cumpri-la de modo apressado ou de maneira irreverente e descuidada), aquela vida certamente decairá. E se por muito tempo ou com freqüência a interrompermos, ela gradualmente se extinguirá.

5. Outro pecado de omissão, que em geral mergulha em trevas a alma do crente, é a negligência do que fora tão fortemente inculcado, mesmo sob a dispensação judaica: “Tu, seja conto for, admostrarás a teu próximo e não permitirás pecado sobre ele: tu não aborrecerás a teu irmão em teu coração.” Ora, se odiamos a nosso irmão em nosso coração, se o não repreendemos em suas faltas, se toleramos seu pecado, isto logo, trará debilidade à nossa própria alma, visto que, através de tal conduta, nos tornamos participantes de seus pecados. Negligenciando o dever de repreender a nosso próximo, fazemos nosso o seu pecado: tornamo-nos culpados dele à vista de Deus: vimos seu perigo e não lhe demos aviso: assim, “se ele perecer em sua iniquidade”, Deus justamente requererá “seu sangue de nossas mãos”. Nenhum espanto pode haver se, por ofendemos de tal modo ao Espírito, perdermos a luz de seu rosto.

6. Uma terceira causa de nossa perda da luz divina reside no darmos lugar a alguma espécie de pecado interior. Por exemplo: sabemos que todo o que é “altivo de coração é abominável ao Senhor”; e isto, embora tal orgulho de coração não transpareça da conversação exterior. Agora, quão facilmente pode a alma cheia de paz e alegria cair naquele laço do diabo! Quão natural lhe é imaginar que possui maior graça, mais sabedoria ou fortaleza do que realmente possui; “pensar mais altamente de si mesmo do que convém”! Quão natural é que se glorie em alguma

coisa recebida, como se a tivesse recebido por direito e não como dádiva imerecida! Mas, uma vez que Deus constantemente “resiste ao soberbo e dá graça” somente “ao humilde”, isto deve extinguir a luz que dantes brilhava em seu coração.

7. O mesmo efeito pode ser produzido por dar alguém lugar a Ira, qualquer que seja a provocação ou a ocasião; sim, embora ela seja colorida com o nome de “zelo da verdade” ou “para a glória de Deus”. Todo zelo, na verdade, que seja outra coisa que não a chama do amor, “é terreno, animal e diabólico” que chama da ira: é a ira grave e pecaminosa, nem melhor nem pior. E nada é maior inimigo do doce, terno amor de Deus e: que este: eles jamais habitaram ou poderão habitar conjuntamente o mesmo espírito. Na mesma proporção em que a ira prevalece, diminuem o amor e a alegria no Espírito Santo. Isto é especialmente observável no caso de *ofensa*; quero dizer ira contra algum de nossos irmãos ou contra algum daqueles a quem estamos presos, quer pelos laços sociais, quer pelos laços da religião. Se dermos lugar ao espírito de ofensa, ao menos por uma hora, perdemos as doces influências do Espírito Santo de modo que, em lugar de os corrigir, destruímos-nos a nós mesmos e tornamo-nos fácil presa do primeiro inimigo que nos assalte.

8. Suposto estejamos de sobreaviso acerca desse laço do diabo, podemos ser atacados de outra parte. Quando a altivez e a ira estão dormindo, e só o amor velando, podemos ser não menos ameaçados pelo desejo, que igualmente tende para o entenebrecimento da alma. Este é o seguro efeito que decorre de qualquer desejo insensato, de qualquer afeição vã ou desordenada. Se pomos nossas afeições em coisas da terra, ou em qualquer pessoa ou coisa que se encontre debaixo do sol; se desejamos qualquer coisa à parte de Deus e daquilo que tende para Deus; se buscamos a felicidade em qualquer criatura, o zeloso Deus certamente contendereá conosco, porque Ele não pode admitir nenhum rival. E se não ouvirmos sua voz clamorosa e não nos voltarmos para Ele de toda nossa alma; se continuarmos ofendendo-o com nossos ídolos e correndo em pós de outros deuses, bem depressa seremos frios, áridos e secos; é o deus deste mundo nos cegará e obscurecerá os corações.

9. Mas isto ele freqüentemente faz, mesmo quando não damos lugar a qualquer pecado positivo. É bastante, é suficiente para lhe dar vantagem, o não “acendermos o dom de Deus que há em nós”; o não agonizarmos continuamente por “entrar pela porta estreita”; o não “combatermos” ardentemente “pelo domínio”: e para tomarmos “o reino dos céus pela violência”. Não é necessário mais do que não combater, para que estejamos certos da derrota. Estejamos apenas descuidados ou “fracos em nossa mente”; sejamos fáceis e indolentes - e nossa obscuridade natural logo voltará e cobrirá nossa alma: isso tão seguramente, senão tão rapidamente, destruirá a luz de Deus, como o assassinio ou o adultério.

10. Mas é bom que se observe que a causa de nossas trevas (qualquer que seja ela, seja pecado de omissão ou de comissão, interior ou exterior), nem sempre está ao alcance da mão. Algumas vezes o pecado que ocasiona a presente derrota pode estar a considerável distância. Pode ter sido praticado dias, ou semanas, ou meses antes. E que Deus agora esconda sua luz e sua paz em razão daquilo que foi feito há tanto tempo, não é (como poderia alguém à primeira vista imaginar), exemplo de sua severidade, mas, antes, uma prova de sua longanimidade e terna misericórdia. Ele espera todo esse tempo, a ver se por felicidade podemos discernir, reconhecer e emendar aquilo que estava em falta; não se verificando isto, Ele por fim revela seu desagrado, procurando levar-nos, assim, ao arrependimento.

(II) 1. Outra causa geral desta treva é a *ignorância*, que por sua vez é de várias espécies. Se os homens não conhecem as Escrituras, se imaginam haja passagens, seja no Velho ou no Novo Testamento, que afirmam que todos os crentes, sem exceção, *devem* algumas vezes estar em trevas, esta ignorância naturalmente trará sobre eles a obscuridade que esperavam. E como se têm tornado comuns esses casos em nosso meio! Como são poucos os que não esperam pela escuridão! E não é para espantar, uma vez que foram ensinados; a esperá-la, sendo que seus guias os levam por esse caminho. Não somente os escritores místicos da Igreja Romana, mas ainda muitos dos mais espirituais e experimentados de nossa própria Igreja (excetuam-se Pouquíssimos no último século), o definem com toda certeza, como uma doutrina clara, inquestionável, da Escritura, citando muitos textos em seu abono.

2. Também a ignorância da obra de Deus na alma freqüentemente ocasiona essas trevas. Os homens imaginam (porque assim foram ensinados, principalmente pelos escritores da comunhão romanista, cujas asserções plausíveis muitos protestantes receberam sem o devido exame), que nem sempre andarão na fé luminosa; que esta é somente uma dispensação inferior; que, erguendo-se mais alto, deixarão aquelas consolações sensíveis para viverem segundo a fé *nua* (nua, na verdade, se ela for despojada do amor, da paz e da alegria no Espírito Santo!); que o estado de luz e alegria é bom, mas que o estado de aridez e de trevas é melhor; que só por estas coisas é que poderemos: purificar-nos do orgulho, do amor do mundo e do egoísmo desordenado; e que, portanto, não devemos

esperar nem desejar andar sempre em luz. Daí é que procede (embora outras razões possam concorrer), que o corpo principal dos homens piedosos da igreja Romana anda geralmente num caminho de treva desconfortável e, se alguma vez recebe a luz de Deus, logo a perde.

(III) 1. Uma terceira causa geral dessas trevas é a *tentação*. Quando a lâmpada do Senhor primeiro brilha em nossa frente, a tentação freqüentemente foge e desaparece por completo. Tudo é calma interior, e talvez também exterior, enquanto Deus faz que nossos inimigos estejam em paz conosco. É então mui natural supor que jamais veremos a guerra: E há exemplos de essa calma continuar, não só por semanas, mas por meses e anos a fio. Comumente acontece, porém, de modo diverso: em curto tempo “os ventos sopram, caem as chuvas e avolumam-se as torrentes” de novo. Os que não conhecem nem o Filho, nem o Pai, e, conseqüentemente, odeiam os filhos de Deus, quando o Senhor afrouxa os freios que se encontram entre seus dentes, mostram aquele ódio através de muitos exemplos. Na antiguidade, “o que era nascido segundo a carne perseguia o que era nascido segundo o Espírito, como o faz agora”; a mesma causa ainda produz o mesmo efeito. O mal que ainda permanece na coração também se agitará de novo; a ira e muitas outras raízes de amarguras tentarão brotar outra vez. Ao mesmo tempo Satanás não deixará de despedir seus dardos inflamados, e a alma terá de lutar, não apenas com o mundo, não apenas “com a carne e o sangue, mas com principados e poderes, com os governadores das trevas deste mundo, com os espíritos perversos nos lugares elevados”. Ora, quando tão variados assaltos se fazem de uma vez, e talvez com a máxima violência, não é para estranhar que esses combates determinem, não só entorpecimento, mas obscuridade no crente fraco, principalmente se ele não es-tava vigilante: se esses assaltos são feitos numa hora em que não se esperava por eles; se o homem, nada esperando menos do que isso, havia apaixonadamente assegurado a si próprio que o dia mau nunca mais voltaria.

2. A força das tentações que se levantam do interior aumentar-se-á desmedidamente, se antes houvermos pensado de nós mesmos demasiadamente alto, como se fôramos purificados de todo o pecado. E quão naturalmente imaginamos isto, durante o abrasamento de nosso primeiro amor! Quão prontos estamos a crer que Deus “cumpriu em nós” toda “a obra da fé com poder!” Que, por não *sentirmos* o pecado, nenhum pecado *temos* em nós; mas a alma é toda amor! E bem pode o rude ataque de um inimigo que supúnhamos estar não somente vencido mas eliminado, levar-nos a grande torpor de alma; sim, algumas vezes pode levar-nos a trevas espessas, com especialidade quando *discutimos* com esse inimigo, em lugar de clamarmos insistentemente por Deus e lançarmos-nos, por simples fé, nos braços daquele que é “o único que sabe como libertar da tentação” o que lhe pertence.

III

Essas são as causas usuais desta segunda obscuridade. Perguntemos, em terceiro lugar: Qual é o remédio para ela?

1. Supor que o remédio seja um e o mesmo em todos os casos, é um grande e fatal engano, engano todavia extremamente comum, mesmo entre muitos que passam por cristãos experimentados, e que até tomaram sobre si o encargo de mestres em Israel, de guias de outras almas. Conseqüentemente, eles conhecem e usam apenas um remédio, qualquer que seja a causa do distúrbio. Começam imediatamente a aplicar as promessas; a *pregar o Evangelho*, como o denominam. Dar conforto é o único ponto a que eles almejam, para o que dizem muitas coisas suaves e ternas, no tocante ao amor de Deus para com os pobres e desamparados pecadores e à eficácia do sangue de Cristo. Ora, isto é, na verdade, *charlatanismo*, e da pior espécie, tendendo, senão a matar o corpo dos homens, mas, a não ser que intervenha a especial misericórdia de Deus, “a destruir tanto seus corpos como suas almas no inferno”. É difícil falar desses “pedreiros que usam de barro sem palha”, desses vendedores de promessas, como eles merecem. Bem merecem o título que por ignorância tem sido dado aos outros: eles são *charlatães*. Fazem realmente, do “sangue do concerto uma coisa profana”. Vilmente prostituem as promessas de Deus, por aplicá-las assim todos, sem distinção, embora, na realidade, os métodos de cura das enfermidades espirituais, como das corporais, devam ser tão variados como são as causas dessas enfermidades. A primeira coisa é, portanto, descobrir a causa; e isto naturalmente no indicará o remédio.

2. Por exemplo: É este pecado que determina a obscuridade? Que pecado? Trata-se de um pecado de qualquer espécie? Vossa consciência vos acusa de cometer qualquer pecado, com o qual ofendestes o Santo Espírito de Deus? Foi por essa causa que Ele se separou de vós, e que com Ele se foram a alegria e a paz? E como podeis esperar que voltem, até que lanceis fora o anátema? “Abandone-o ímpio seu caminho”; “purificai vossas mãos, pecadores”; “lançai fora a maldade de vossos feitos”; assim vossa “luz romperá da obscuridade”, o Senhor voltará e “abundantemente perdoará”.

3. Se, ao cabo da mais diligente pesquisa, não podeis encontrar nenhum pecado de comissão que determine a descida da obscuridade sobre vossa alma, investigai a seguir se não há algum pecado de omissão que esteja

fazendo separação entre Deus e vós. “Não tolerais pecado em vosso irmão?” Repreendeis os que pecam à vossa vista? Andais segundo todas as ordenanças de Deus em oração pública, doméstica e particular? Se não, se habitualmente negligenciais qualquer desses deveres conhecidos, como podereis esperar que a luz da face de Deus continue brilhando sobre vós? Apressai-vos em “fortalecer as coisas que permanecem”: então “vossa alma viverá”. “Hoje, se ouvirdes sua voz”, por sua graça supri aquilo que vos falta. Quando ouvirdes a voz clamando diante de vós: “Este é o caminho, andai por ele”, não endureçais o vosso coração; não continueis a ser desobediente “à vocação celestial”. Enquanto o pecado, seja de comissão ou de omissão, não for removido, todo conforto será falso e enganoso. Será somente recobrir de gaze a ferida, que ainda supura e ulcera-se por debaixo. Não espereis pela paz interior enquanto não estiverdes em paz com Deus, o que não se pode dar sem “frutos dignos de arrependimento”.

4. Mas talvez não estejais cônscios nem mesmo de algum pecado de omissão que turbe vossa paz e alegria no Espírito Santo. Não haverá, então, algum pecado interior que, como raiz de amargura, brote em vosso coração para vos conturbar? Vossa aridez e esterilidade de alma não provêm do fato de vosso coração “apartar-se do Deus vivo?” “As garras do orgulho” não “se voltaram contra” vós? Não pensastes de vós mesmos “mais altamente do que devíeis pensar?” Em algum sentido não “sacrificastes para vosso próprio agrado, e queimastes incenso em vosso próprio louvor?” Não atribuístes vosso triunfo em qualquer empreendimento à vossa própria coragem, ou força, ou sabedoria? Não vos ensoberbecestes de alguma coisa “que recebestes, como se a tivésseis recebido por direito e não como dádiva imerecida?” Não vos gloriastes em alguma coisa, “a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”? Não tendes procurado ou desejado o louvor dos homens? Não tivestes prazer nisso? Se assim é, vede o caminho que tomastes. Se caístes pelo orgulho, “humilhai-vos debaixo da poderosa mão de Deus, e Ele vos exaltará no tempo oportuno”. Não o forçastes a apartar-se de vós, ao dardes lugar à ira? Não vos “irritastes em razão da impiedade”? Ou “não fostes odiosos contra os que praticam o mal”? Não fostes ofendidos por causa de vossos irmãos, atentando para seu pecado (real ou imaginário), assim como pelo vosso próprio pecado contra a grande lei do amor, deles apartando vosso coração? Olhai então para o Senhor, para que possais renovar vossa fortaleza; para que toda essa acrimônia e frieza se dissipem; para que o amor, a paz e a alegria voltem juntos e possais ser invariavelmente bondosos uns para com os outros e “compassivos, perdoando-vos um ao outro como Deus por amor de Cristo vos perdoou”. Não destes lugar a qualquer desejo insensato? A qualquer espécie ou grau de afeição desordenada? Como pode então o amor de Deus ter lugar em vosso coração enquanto não desterrardes vossos ídolos? “Não vos enganeis: de Deus não se zomba”: Ele não habitará um coração dividido. Enquanto, pois acolherdes Dalila em vosso seio, Ele não terá lugar aí. É vã a esperança de recuperar sua luz, enquanto não arrancardes vosso olho direito e o não lançardes fora. Oh! Que não haja tardança! Clamai a Ele, para que Ele vos habilite a assim fazer! Reconhecei vossa própria impotência e desamparo; e, sendo o Senhor vosso Amparador, entrai pela porta estreita: tomai o reino do céu pela violência! Arrancai todo ídolo de seu santuário, e a glória do Senhor logo se manifestará.

5. Talvez seja justamente isto – a falta de esforço, a preguiça espiritual – que mantém vossa alma em trevas. Viveis tranqüilos sobre a terra; não há guerra em vossas costas; estais quietos e despreocupados, continuais nas mesmas pegadas das obrigações exteriores, e estais contentes com permanecer assim. E vos maravilhai, entretanto, de que vossa alma esteja morta? Oh! Ponde-vos de pé diante do Senhor! Levantai-vos e sacudi vos do pó; lutai com Deus pela bênção poderosa; derramai vossa alma perante Deus em oração e nela continuai com toda perseverança! Vigiai! Despertai do sono e mantende-vos despertos! – de outro modo nada haverá a esperar, senão vos separardes cada vez mais da luz e da vida de *Deus*.

6. Se, após o mais completo e mais imparcial exame de vós mesmos, não puderdes descobrir que no presente dais lugar seja a indolência espiritual, – ou a qualquer outro pecado interior ou exterior, então evocai o tempo que passou. Considerai vossas primitivas disposições, palavras e ações. Foram elas retas diante de Deus? “Entrai em comunhão com Ele em vosso quarto e assim esperai; desejai que Ele sonde o fundamento de vosso coração e traga à vossa lembrança o que quer que haja, em qualquer tempo, ofendido os olhos de sua glória. Se a culpa de algum pecado de que não houve arrependimento permanece na alma, esta não pode deixar de permanecer em trevas, até que, sendo renovada pelo arrependimento, sejais de novo lavados pela fé na “fonte aberta para o pecado e a impureza”.

7. Inteiramente diverso será o meio de cura, se a causa da doença não for o pecado, mas a ignorância. Pode ser ignorância da significação da Escritura, talvez ocasionada por comentadores ignorantes; ignorantes, pelo menos, neste assunto, por mais eruditos e entendidos que possam ser em um outro ramos. E, neste caso, aquela ignorância deve ser removida, antes que possamos mover as trevas que resultam dela. Devemos mostrar a verdadeira significação daqueles textos que foram mal compreendidos. Meu objetivo não me permite considerar todas as

passagens da Escritura que setêm prestado a esse serviço. Mencionarei duas ou três, que são freqüentemente lembradas para provar que todos os crentes devem, mais cedo ou mais tarde, “andar, em trevas”,

8. Uma dessas passagens é de Is 50.10: “Quem entre vós é o que teme ao Senhor, e obedece à voz de seu servo, que anda em trevas e não tem luz? Confie no nome do Senhor e firme-se sobre o seu Deus”, Mas, como ressalta, seja do texto, seja do contexto, que a pessoa de quem ali se fala, jamais tenha tido luz? O que é convencido de pecado “teme ao Senhor e obedece à voz de seus servos”. A ele poderíamos advertir, embora seja escuro de alma, e nunca tenha visto a luz da face de Deus, “a confiar no nome do Senhor e firmar-se no seu Deus”. Este texto, portanto, nada prova menos do que dever o crente em Cristo “algumas vezes *andar nas trevas*”.

9. Outro texto que se tem suposto tratar da mesma doutrina é o de Os 2.14: “Eu a atrairei e a levarei ao deserto e lhe falarei ao coração”, Daí se tem inferido que Deus trará todo crente *ao deserto*, a um estado de morte e de trevas, Mas é certo que o texto não fala de tal coisa, porque não parece que ele fale de modo nenhum de crentes em particular: manifestamente se refere à nação judaica; e, talvez, somente a ela. Mas, se for aplicável às pessoas em particular, sua clara significação é a seguinte: “Eu o atrairei por amor; em seguida o convencerei de pecado; e depois o confortarei pela minha graça perdoadora”,

10. Uma terceira passagem da Escritura, de que a mesma inferência se tem tirado, é a que nos serve de texto. “Vós outros sem dúvida estais agora tristes, mas eu hei de ver-vos de novo, e o vosso coração ficará cheio de gozo; e o vosso gozo ninguém vo-lo tirará”. Tem-se imaginado que isto implique em que Deus queira, por algum tempo, ocultar-se de todos os crentes; e que eles não podem, até que tenham sido desse modo entristecidos, ter a alegria que ninguém possa turbar, Mas todo o contexto mostra que nosso Senhor está falando aí pessoalmente aos apóstolos, e não a outros; e que Ele está falando acerca de eventos particulares – sua própria morte e ressurreição. “Ainda um pouco”, diz Ele, “e não me vereis”, isto é, não me vereis enquanto Eu estiver no sepulcro: “e outra vez um pouco, e ver-me-eis” quando Eu houver ressurgido dentre os mortos. “Vós chorareis e vos lamentareis, e o mundo se regozijará; mas vossa tristeza se converterá em gozo”. “Agora vós estais tristes”, porque estou a ponto de ser retirado do posto de vosso diretor; “mas, Eu vos verei outra vez”, depois de minha ressurreição, “o vosso coração se regozijará; e vossa alegria”, que vos darei então, “ninguém vo-la tirará”. Sabemos que tudo isso foi literalmente cumprido no caso particular dos apóstolos. Mas nenhuma inferência Pode ser tirada daí no tocante às relações de Deus para com os crentes em geral.

11. Um quarto texto (para finalizar), que tem sido freqüentemente citado em abono da mesma doutrina, é o de 1Pe 4.12: “Amados, não estranheis o ardor que vos sobrevém para vos tentar.” Mas isto é tão inteiramente estranho ao ponto como o texto precedente. A lição, literalmente traduzida, se apresenta assim: “Amados, não vos maravilheis da ardência que há entre vós, que é para vossa provação”. Ora, conquanto isto se possa acomodar às provações internas, em sentido secundário, todavia o texto indubitavelmente se refere ao martírio e aos sofrimentos com este relacionados. Nem, portanto, é este texto coisa absolutamente nenhuma para o propósito com que é citado. E podemos desafiar a todos os homens a trazerem um texto, seja do Velho ou do Novo Testamento, que represente alguma coisa mais do que este, para o objetivo em debate.

12. “Mas as trevas não são de muito maior proveito para a alma do que a luz? A Palavra de Deus não frutifica no coração mais rápida e eficientemente durante o estado de sofrimento íntimo? O crente não é mais rápida e intensamente purificado pela tristeza do que pela alegria? – pela angústia, dor, abatimento e martírios espirituais do que pela paz contínua?” Assim o ensinam os místicos; assim está escrito em seus manuais, mas não nos Oráculos de Deus. A Escritura em parte alguma diz que a ausência de Deus melhor aperfeiçoa sua obra no coração! An-tes, sua presença, uma clara comunhão com o Pai e o Filho, uma forte consciência deste fato, fará mais em uma hora, do que fará sua ausência numa geração. A alegria no Espírito Santo purificará muito mais eficientemente a alma do que a falta daquela alegria; e a paz de Deus é o meio melhor de refinar a alma expurgando-a das escórias das afeições terrenas. Fora, pois, com o falso conceito de estar o reino de Deus dividido contra si mesmo; de serem a paz de Deus e a alegria no Espírito Santo obstáculos à justiça; e de sermos salvos, não pela fé, mas pela descrença; não pela esperança, mas pelo desespero!

13. Enquanto os homens assim sonharem, não de perfeitamente “andar nas trevas”: nem pode cessar o efeito enquanto a causa não for removida. Não devemos, todavia, imaginar que ele cessará imediatamente, mesmo quando a causa não mais exista. Quando a ignorância ou o pecado tenha causado trevas, um ou outro devem ser afastados, e ainda a luz que tinha sido obscurecida por essa causa não luzirá imediatamente. Como essa luz é um livre dom de Deus, Ele pode restaurá-la mais cedo ou mais tarde, como lhe aprouver. No caso de pecado, não podemos razoavelmente esperar que ela volte instantaneamente. n O pecado começa antes de sua punição, a qual

pode, portanto, permanecer, após ter o pecado tido seu fim. E mesmo no curso natural das coisas acontece que uma ferida não pode ser curada, enquanto o dardo estiver encravado na carne; e ainda nem a cura se opera tão logo seja ele retirado, mas a dor e o sofrimento podem durar por muito tempo depois.

14. Finalmente, se as trevas forem ocasionadas por multiformes, graves e inesperadas tentações, o melhor meio de as remover e prevenir é ensinar aos crentes a esperarem sempre pela tentação, visto habitarem um mundo mau, em meio de espíritos maus, sutis, e maliciosos; e terem um coração capaz de todo o mal; convencê-los de que toda a obra da santificação não é, como imaginam, operada de uma só vez; que, quando primeiro creram, não eram senão criancinhas recém nascidas, que gradualmente cresceram, devendo esperar muitas tormentas até que erguem à perfeita estatura de Cristo. Acima de tudo, – sejam instruídos a que, quando a tempestade cair sobre eles, não discutem com o diabo mas orem; derramem suas almas diante de Deus e mostrem-lhe sua aflição. E essas são as pessoas a que principalmente, devemos aplicar as grandes e preciosas promessas; não ao ignorante, enquanto a ignorância não for removida, e muito menos ao pecador impenitente. A estes podemos largar e afetivamente declarar a longanimidade de Deus nosso Salvador e discorrer sobre suas ternas misericórdias, operadas desde os dias antigos. Ai podemos descansar sobre a fidelidade de Deus cuja “palavra é provada ser final”; e sobre a virtude daquele sangue que foi derramado por nós, para “purificar-nos de todo o pecado”: e Deus então dará testemunho de sua Palavra e lhes tirará as almas da angústia. Ele dirá: “Levanta-te, brilha porque tua luz veio, e a glória do Senhor se ergue sobre ti”. Sim: e aquela luz, se andardes humilde e estreitamente com Deus, “brilhará cada vez mais, até o dia perfeito”.

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 46

- P. 1. (§ 1). Que ilustração se retira da libertação dos filhos de Israel da escravidão?
- P. 2. (§ 2). Que se diz ser digno de lástima?
- P. 3. (I. 1). Qual é a primeira investigação aí feita?
- P. 4. (I. 2). Que se diz, em segundo lugar, ter-se perdido?
- P. 5. (I. 3). Que se segue à perda do amor?
- P. 6. (I. 4). Que se acrescenta à perda do amor, da fé e da alegria?
- P. 7. (I. 5). Que acompanha a perda da paz?
- P. 8. (II. 1). Que nome se dá a esse estado?
- P. 9. (II. 2). Qual é a causa das trevas Interiores?
- P. 10. (II. 3). Que se diz da frequência desses casos?
- P. 11. (II. 4). Que pecado de omissão pode frequentemente produzir aquele estado?
- P. 12. (II. 5). Que outro pecado de omissão se menciona?
- P. 13. (II. 6). Qual é a terceira causa mencionada?
- P. 14. (II. 7). Como pode ser o mesmo efeito produzido?
- P. 15. (II. 8). De que outro lado podemos ser atacados?
- P. 16. (II. 9). Qual a conduta que fornece a Satanás suficiente vantagem, mesmo quando nenhum pecado positivo se cometa?
- P. 17. (II. 10). Que é bom que se observe?
- P. 18. (II. 11). Qual é a outra coisa das trevas?
- P. 19. (II. 12). Que outra causa é apontada?
- P. 20. (III. 1). Qual é a terceira coisa?
- P. 21. (III. 2). Como se aumentará a força das tentações?
- P. 22. (IV. 1). Que é engano supor?
- P. 23. (IV. 2). Quais exemplos são as mais aí tomadas para exemplo do inquerito?
- P. 24. (IV. 3). Se não se encontra pecado de omissão, que fazer?
- P. 25. (IV. 4). Que se diz do pecado interior?
- P. 26. (IV. 5). Que se diz da falta de combatividade?
- P. 27. (IV. 6). Que conduta é aí inculcada?
- P. 28. (IV. 7). Qual será o método de cura, se a ignorância for a sua causa?
- P. 29. (IV. 8). Qual é a primeira passagem citada?
- P. 30. (IV. 9). Qual é a segunda?
- P. 31. (IV. 10). Qual é a terceira?
- P. 32. (IV. 11). Qual é a quarta?
- P. 33. (IV. 12). Que objeção é aí apresentada?
- P. 34. (IV. 13). Que acontece, quando os homens assim sonham?
- P. 35. (IV. 14). Qual o caminho é aí apontado?
- P. 36. (IV. 15). Como se conclui o sermão?